



CHRONICA SEMANAL

REDIGIDA POR UMA SOCIEDADE D'HOMENS SEM LETTRAS

PROPRIETARIO — HUMBERTO S. PINTO

CORRESPONDENCIA À LIVRARIA POPULAR, R. AUGUSTA, 222 — LISBOA

PUBLICA-SE ÀS QUINTAS-FEIRAS

PREÇO POR ANNO OU 52 N.º 1.000 RÉIS — CADA N.º 20 RÉIS

ANNO 1.º LISBOA, 27 DE NOVEMBRO DE 1884 NUMERO 22

CHRONICA DA SEMANA

SUMMARY — A colonia Narcizo Feyo e a Sociedade de Geographia Commercial do Porto. — A epidemia da variola em Lisboa. — O actual governador civil.

O sr. Narcizo Feyo foi ao Porto realizar uma conferencia ácerca do seu plano de estabelecer uma colonia nas nossas possessões africanas, e invocar a generosidade dos habitantes d'aquella cidade em favor do seu pensamento tão louvavel, como patriótico.

O Porto recebeu o conferente e a commissão, que o acompanhava, com aquelle bizarro acolhimento, que caracteriza os habitantes da invicta cidade, e a imprensa foi a primeira a saudar os arrojados moços, que em nome das glórias da patria iam implorar auxilio para a realisação de uma grande ideia, de um generoso pensamento e de uma levantada concepção, que devia merecer a acquiescencia geral, mas sobre tudo das colectividades, que se arrogam diplomas scientificos e uma certa importancia litteraria.

O conselho geral da Sociedade de Geographia Commercial, do Porto, reunido sob a presidencia do sr. Oliveira Martins, para tratar da attitude, que devia tomar com referencia ao projecto de colonisação do sr. Narcizo Feyo, discutiu esse assumpto tão acrimoniosamente, que dei-

José F. Perestrello.



INDIOS MANDANS MASCARADOS

xou perceber o despeito, que o inspirava; quando acima de quaesquer susceptibilidades pessoas, para uma corporação respeitavel, como nós suppunhamos ser aquella, só devia existir o interesse de aproveitar a iniciativa d'aquelle projecto, como elle fôra concebido, se era rasoavel, ou de modificá-lo, se aquella Sociedade entendesse ser isso mais proficuo e vantajoso, não só para os interesses da colonia, como do paiz.

Pelo extracto, que lemos em correspondencias do Porto, d'aquella discussão, concluímos que para aquella respeitabilissima sociedade a ideia do sr. Narcizo Feyo perdeu o merecimento, porque s. ex.ª, em vez de previamente a submeter à apreciação do sapientissimo conselho, a expoz ao publico, do qual recebeu a merecida acceitação.

Ora, no Porto, em Lisboa e no paiz, só ha uns certos que sabem organizar uma colonia, e esses são o sr. Oliveira Martins, o sr. Fernando Maia, o sr. Joaquim Gonçalves, o sr. Izidoro Marques Rodrigues e o sr. Justino Teixeira. Não ha mais nomes no calendario dos especialistas de taes assumptos e por isso no areopago d'aquelles sabios se condemnou *in limine* o projecto de Narcizo Feyo, advogado por toda a imprensa do paiz e elogiado por quasi todos os homens de letras, que mais ou menos se interessam pelos assumptos coloniaes.

A acta d'aquella sessão é uma peça de estudo, e a sciencia geographica, applicada aos bilhetes de viziata, encontrou novos horisontes para a meditação d'aquelles cavalheiros.

Causa dó e riso o modo como entre nós se tratam estas importantissimas questões.

Nós comprehendiamos que a sociedade de Geographia Commercial do Porto, depois de estudado e bem ponderado e reflectidamente pensado o projecto do sr. Narcizo Feyo, o modificasse ou ampliásse no sentido que melhor lhe parecesse; porque nem o sr. Feyo levaria a mal as indicações da illustre sociedade, nem o publico podia vêr n'ellas mais do que o desejo de que se tornasse praticamente realisavel o pensamento do auctor d'essa arrojada tentativa. Mas não comprehendemos que pelo facto do sr. Narcizo Feyo se ter limitado a deixar um bilhete de visita ao presidente d'aquella sociedade, se reunisse o grande conselho para decidir se devia o presidente limitar-se a pagar aquelle acto de delicadeza com igual cortezia, ou se era necessario fazer a declaração de que a sociedade se abstinha de tomar parte nos trabalhos, encetados

por aquelle cavalheiro, em relação à colonia, que projectava.

E para esse disparate gastou-se um tempo precioso em uma discussão esteril.

Valha-vos Deus, geographos commerciaes!

×

O cholera não veiu, mas a variola está tomando um caracter grave em alguns bairros de Lisboa, nos quaes já tem causado estragos consideraveis, não obstante os cuidados, que as autoridades têm empregado para obstem a propagação d'essa contagiosa epidemia.

Quando os males são necessarios e inevitaveis não ha remedio senão soffrel-os; mas, quando pôdem prevenir-se, achamos que não pôde desculpar-se a incuria d'aquelles, que os não evitam.

A vaccina é um meio efficaz e certo contra a acção mortifera d'essa molestia contagiosa, que é vulgarmente conhecida com o nome de *bexigas*.

Se isto é sabido por toda a gente, se o governo estabelece postos vaccinicos, se é facil a qualquer obter esse perservativo e ainda assim ha um grande numero, que por negligencia, por ignorancia, por erro de entendimento ou por outras quaesquer razões, se não aproveita d'elle, cumpre aos poderes do estado tornar obrigatorio a vaccina, estabelecendo penas severas contra aquelles, que por um condemnavel desleixo deixem de aproveitar os beneficios salutaes d'essa providencia legislativa.

Nós louvamos o procedimento das auctoridades sanitarias na presente conjunctura, mas queiramos que se evitasse de uma vez para sempre, o perigo de uma epidemia que sacrifica tantas vidas; e por isso instamos para que seja obligatoria a vaccina, obstando-se assim ao morticinio que annualmente faz aquella contagiosa molestia.

×

O novo governador civil de Lisboa, o sr. conselheiro Peito de Carvalho, tem, a contento de todos, intervindo em certos assumptos policiaes e sanitarios com tal acerto e sollicitude, que honram o seu elevado caracter e correspondem à confiança, que no zelo e intelligencia de s. ex.ª depositavam os que conheciam de perto os seus altos dotes de espirito.

Uma das medidas mais uteis entre as que, por sua deliberação, têm sido postas em vigor, é com certeza a que diz respeito à policia dos theatros, onde é agora executado o regulamento, que determina a desobstrução das coxias, a abertura das sahidas e outras providencias, que foram de-

cretadas para o caso de haver um sinistro de fogo, as quaes os empregarios iam deixando cahir em desuzo, porque assim convinha aos seus interesses.

Felicitemos, pois, o illustre magistrado, que vae, cada dia, assignalando a sua gerencia com actos de boa administração, e que, por esse facto, está merecendo os elogios, que diariamente lhe tecem os jornaes de todas as côres politicas.



CARTEIRA UTIL

HYGIENE

PRECEITOS RELATIVOS À RESPIRAÇÃO

RESPIRAR é a primeira necessidade da vida. O homem respira quinze ou vinte vezes por minuto, o que equivale a uma respiração por cada quatro pulsações do coração e das arterias.

Seria mais perigoso ficar dois minutos sem respirar, do que dois dias sem comer ou sem dormir.

Citam-se casos de morte de algumas pessoas por estarem debaixo d'agua só um minuto.

Quanto aos exemplos, que se apresentam, de homens que se encontraram vivos ainda, depois de muitas horas de submersão em um rio, essa apparente excepção explica-se pelo facto d'essas pessoas terem desmaiado na occasião da queda; porque, quando se perdem os sentidos, o coração deixa de bater e o pulmão pôde deixar de respirar.

Felizmente, porém, a respiração effectua-se independente da nossa vontade, e o instinto da vida provê, em cada instante, essa necessidade. A respiração nada tem a receiar dos nossos caprichos, nem das nossas distrações, nem da nossa preguiça, nem do somno. A respiração operar-se-ia mesmo contra nossa vontade, se quizessemos crear-lhe algum obstaculo.

Mas a respiração não é efficaz, senão quando a *circumfusa* é pura, livre, inodora e sempre renovada, e portanto devemos todos ter cuidado em conservar no ambiente, que nos cerca, aquellas condições.

O ar, como a natureza o produz, é o mais conveniente para a respiração. Composto de azote e oxigenio, em dozes determinadas, nem deve conter outros gazes nem muita agua. Deve ser mais frio que quente, mais secco que humido, e é melhor que seja mais pesado do que leve.

O ar das altas montanhas, mais leve que o ar dos valles, occasiona ordinariamente hemorragias, faltas de ar e oppressão; o ar muito leve, assim como o muito quente, favorece a expansão dos gazes interiores, a ruptura dos vasos, a irrupção do sangue para a superficie. As mesmas circumstancias tornam penosa a respiração e o diaphragma encontra maior difficuldade em produzir o vacuo no peito.

O ar, que são dos pulmões, é mais quente do que quando entrou, tem menos oxigenio, uma quantidade maior de acido carbonico e de vapores aquosos, e todas essas alterações o tornam improprio de ser de novo respirado. Um gato macho e vigoroso, encerrado em uma redoma de vinte pollegadas de altura por trinta de circumferencia, deixou de viver no fim de cinco horas e quarenta e cinco minutos, depois de horriveis soffrimentos e de uma anciedade sempre crescente.

A necessidade de renovar o ar nas habitações é tanto mais instante, quanto maior é o numero das pessoas, que as habitam, ou quanto é menor o espaço da sua area. Os logares publicos, os theatros, as casas de assembléa ou os sitios, onde se accumula muita gente, são os menos salubres.

O azote puro é prejudicial; o hydrogeneo e o gaz acido carbonico são mortaes.

Pôde-se em geral avaliar a pureza do ar segundo a vivacidade das luzes. Todo o ar, em que ellas se apagam, é mortifero. O ar que já foi respirado é mais nocivo pelo carbonico, que contém, do que pelo oxigenio que lhe falta. Por isso, se a renovação do ar é impossivel, é melhor empregar a agua de cal para absorver o carbonico, do que accrescentar o oxigeno, fazendo queimar uma mistura de nitro e enxofre.

Os subterraneos são sempre perigosos, porque o acido carbonico, sendo mais pesado que o ar, conserva-se alli, e por isso o perigo é maior para quem está sentado do que para quem está em pé.

Pelo contrario, se o ar fôr muito saturado de oxigenio os logares altos serão os mais prejudiciaes, pelo perigo da asphixia.

O uso das flôres nos quartos de cama é prejudicialissimo, porque está calculado que cada flôr ou planta altera dez ou doze vezes o equivalente do seu volume de ar.

Não é bom sentar-se a gente á sombra das arvores, porque as arvores, á sombra, exhalam o acido carbonico e corrompem o ar, que as cerca.

A limpeza é o meio mais seguro de tornar-

mos respiravel o ar das nossas habitações, e todos os cuidados, empregados por nós para conseguirmos esse fim, são poucos, porque d'elles depende a nossa saude e de nossos filhos,

narração de Catlin, não passam de dois ou trez mil e são de uma estatura mediana.

Muitos d'elles têm a pelle quasi branca, olhos azues claros, a face oval e quasi todos usam o cabello comprido, dividido em mechas separadas por uma substancia viscoza, ou por argilla vermelha ou amarella.

A nossa gravura representa dois d'estes indios ornados para uma cerimonia religiosa e para um espectáculo publico.

×

A nossa segunda gravura representa o campo intrincheirado de *Furfooz*, descoberto por Hannour e Himelette, na Belgica.

Os campos intrincheirados datam da idade de pedra, e consistiam em uma porção de valle escarpado sobre um massiço de rochedos, formando uma especie de promontorio, ligado ao resto do paiz por uma estreita passagem.

N'essa lingua de terra cavava-se um largo fôssco e todo o campo era cercado de uma espessa muralha de pedras, juxtapostas, sem cimento nem argamassa de qualidade alguma.

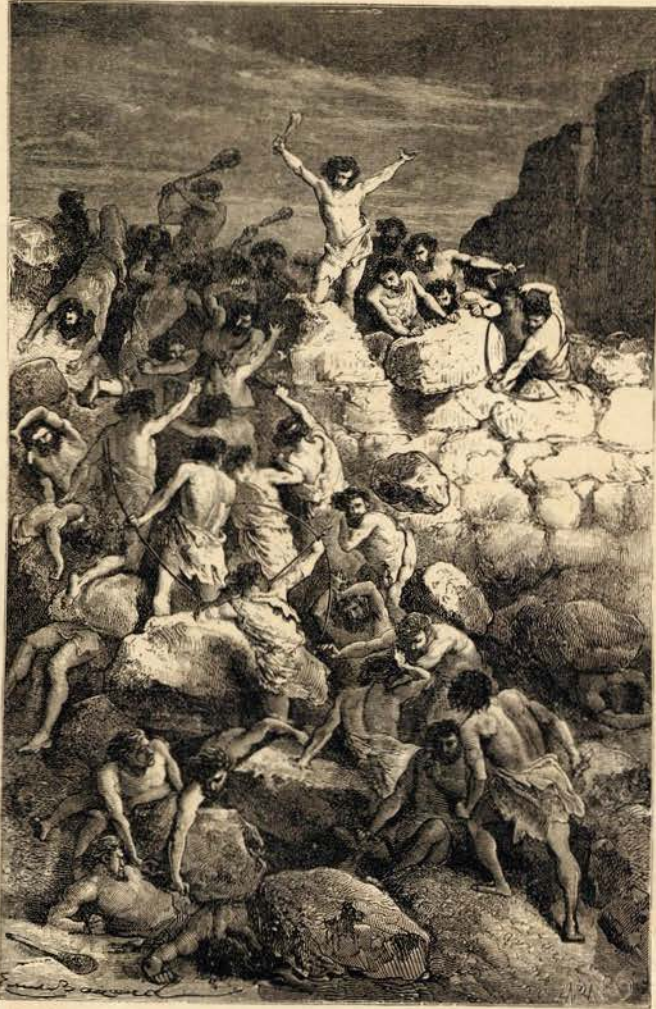
Quando eram atacados, os homens reunidos no recinto faziam chover sobre os assaltantes pedras arrancadas da sua muralha, a qual se tornava simultaneamente obra de ataque e de defeza.

Os leitores, pela nossa gravura, podem fazer ideia d'esse systema primitivo, que foi ainda aproveitado pelos romanos e outros povos.

×

A nossa terceira gravura representa a invenção da fiação e do tecido na epoca de bronze.

O apparelho de tecer é tão simples que os homens da epoca de bronze deviam tel-o creado tal qual hoje existe para o tecido dos estofos de um só fio. Sômente em vez das agulhas de ferro, que se empregam para segurar os fios da cadeia no tear moderno, serviam-se, na epoca



OS PRIMEIROS COMBATES

DESCRIÇÃO DAS NOSSAS GRAVURAS

A NOSSA primeira gravura representa dois indios *Mandans*. Estes indios vivem nas margens do Missury, a seiscentas leguas de S. Luiz, em uma aldeia situada na margem esquerda d'aquelle rio. Estes povos, segundo a

de bronze, de pesos de barro cosido. É esta a unica differença, mas o mister de tecelão no seu conjuncto não devia ser muito differente do que é hoje, como pôde inferir-se do exame das suas obras. A archeologia tem feito descobertas importantissimas e no museu de Saint-Germain existe um grande numero de exemplares de dentes de cardas ou pentes de que n'aquella epoca se usava para o fabrico dos linhos.

×

A nossa ultima gravura representa um grupo de Birmanios, nobres, pertencentes á familia Indo-China. Estes povos fazem parte do ramo sinico e não têm, como o ramo mongolico, tão pronunciados os caracteres da raça amarella.

O nariz é menos achatado, o corpo mais bem feito e a estatura mais elevada.

Os povos do ramo sinico adquiriram bem cedo uma grande civilização, mas ficaram estacionarios, e, comparados com os povos da Europa e America, actualmente podem considerar-se atrasados.

Entre elles foram, ha seculos, levadas a um grau superior de adiantamento certas artes chemicas e mecanicas e ainda hoje as nações mais cultas não podem competir com elles n'essas artes.



MINIATURAS

JOÃO KEPLER

Nasceu este celebre astrónomo em Weil (Wurtemberg) em 1571.

Era descendente d'uma familia fidalga, mas pobre. Estudou em Tubingue e foi nomeado professor de mathematica para Graetz em 1594.

Em 1600 foi com Tycho-Brahe para a Bohemia a fim de fazerem observações astronomicas.

Kepler estabeleceu sobre solidas bases o systema de Copernico e teve a gloria de descobrir as leis, em que assenta a astronomia moderna

e que ainda hoje são conhecidas pelo seu nome —leis de Kepler— e são: 1.º Os quadrados dos tempos das revoluções planetarias são proporcionaes aos cubos dos grandes eixos. 2.º As or-



A INVENÇÃO DA FIAÇÃO E TECIDO

bitas planetarias são ellipses, occupando o sol um dos focos. 3.º O tempo que um planeta gasta em descrever uma porção da sua orbita é proporcional á superficie da area descripta durante este tempo pelo seu raio vector.

Foi em 1618, depois de vinte e dois annos de pesquisas assiduas, que fez estas descobertas. Reconheceu tambem a generalidade da lei da at-

tracção, a rotação do sol, adivinhou a existencia de planetas desconhecidos no seu tempo, calculou com o maximo rigor as latitudes e longitudes, annunciou a passagem de Mercurio e de Venus pelo disco do sol, no anno de 1631, aperfeiçoou as lentes, construiu uma taboa de logarithmos, etc.

Falleceu em Ratisbonne em 1631.

ROGERIO DE VILLA MAIOR.

—•••—
A D E U S

A D E U S

A ti, que em astros desenhei nos céus.
A ti, que em nuvens desenhei nos ares.
A ti, que em ondas desenhei nos mares,
A ti, bom anjo, o derradeiro adeus!

Parto! Se um dia (que é possível flor!)
Vires ao longe negrear um vulto,
Sou eu, que aos olhos d'esta gente occulto
O nosso immenso, desgraçado amor.

Talvez as feras ao ouvir meus ais,
As brutas selvas, as montanhas brutas,
Concavas rochas, solitarias grutas,
Mais se condoam, se commovam mais!

E lá d'aquellas solidões se aqui
Chegar gemido, que uma pedra estala,
Que um cedro vibra, que um carvalho abala,
Sou eu que o solto por amor de ti...

De ti! que em folha que varrer o ar,
Em ramo, em sombra, que brandeie a aragem,
Te fito sempre n'essa cara imagem
Verei sorrindo, sentirei passar!

De ti, que em astros desenhei nos ceus!
De ti, que em nuvens desenhei nos ares!
De ti, que em ondas desenhei nos mares,
E a quem envio o derradeiro adeus.

JOÃO DE DEUS.

—•••—
REVISTA DOS THEATROS

A ÉPOCA vae azada para os empregarios! Parece que o *microbio* do fiasco invadiu o organismo das empresas e que por isso ellas se finam por falta de elementos de vida ou vão aparentando uma vida ficticia á custa dos sacrificios dos socios capitalistas, que vão sentindo tambem nas algibeiras o *microbio* da ruina.

O theatro de S. Carlos, a não ser o *Trovador*, não apresentou ainda opera, que merecesse o agrado publico. A *Dinorah* e a *Martha* cahiu-

ram fulminadas pela indifferença dos espectadores e nem valeu ás pobresinhas a *claque*, que recebe as senhas para ir dar bravos e palmas e fingir assim que foram applaudidos os artistas e as partituras.

Não é porque não haja talento e sciencia na *troupe* escripturada para o nosso theatro lyrico, porque entre os artistas que alli se apresentam ha realmente alguns notabilissimos, pela voz e pelos seus recursos scenicos.

É que o nosso publico não pôde sustentar as despezas, que demandam as companhias, que elle exige, porque quer artistas de primeira ordem e acha caro o preço das cadeiras, das frisas e dos camarotes.

Nós não temos fortuna para pagar os caprichos da arte, nem temos amadores, que levem o seu fanatismo ao cumulo de se arruinarem para terem o prazer de ouvir as notabilidades lyricas, e quando ás empresas de S. Carlos faltar o subsidio do governo, subsidio que não tem razão de ser, porque é um dispendio de fidalgo arruinado, então ha-de fechar-se aquelle theatro e havemos de contentar-nos com as companhias mediocres, que vierem explorar-nos nas épocas, em que lá fóra os outros theatros se fecham.

A Trindade quiz acrescentar o seu velho repertorio com uma nova opereta, o *Luzbelin*, e foi infeliz na tentativa, porque o enxerto não pegou e a opereta cahiu.

O anno é bissexto, e talvez por essa circumstancia se registrem esses successivos desastres, que o têm assignalado.

Até o Colyseu deixou de ser concorrido, apesar dos seus cavallos, dos seus elephantos e dos seus excellentes artistas, que os ha alli notaveis, e que fazem trabalhos dignos de admiração.

Parece que o publico fez *grève* contra as empresas e todavia não é o publico o *grevista*; é o dinheiro que escaceia, porque os impostos absorvem os rendimentos, os senhorios exageram as suas exigencias, e não ha recursos que sobejem para esses regalos dos theatros, para essas diversões do circo.

Além d'isso, a alegria nacional morreu. Já não ha enthusiasmo, já não ha estimulos para divertimentos já se não cuida de festas nem se pensa em folgedões.

Debaixo da arcada discutem-se as reformas politicas, na rua dos Capellistas falla-se na alta ou na baixa das acções de minas, na casa Havana commenta-se alguns dos muitos escanda-

los da alta sociedade lisbonense e discute-se, falla-se e commenta-se tudo isso, porque não se gasta dinheiro em elogiar ou deprimir os meritos dos estadistas, os creditos dos banqueiros ou a reputação das familias, porque se a opinião individual sobre qualquer assumpto fosse collectavel, estamos convencidos de que o indigena não fallava, assim como não faz sacrificio em não pensar.

Parece-nos que o melhor seria supprimir os theatros a não inventar-se o meio de poder offerer-se ao publico recitas gratuitas. Assim é que não podem continuar a sustentar-se as empresas, porque as despesas são certas, fataes e necessarias e os lucros são contingentes e a receita tão exigua, que não chega para o dispendio inevitavel.



POR UM BEIJO

ROMANCE DE ERNESTO CAPENDU

(Continuado do numero antecedente)

—**S**ENTEMOS-NOS—disse a marquezia, sem proseguir na sua conversação.

Depois, voltando ao ponto em que se tinha interrompido para fazer-me aquella estranha pergunta, continuou:

—Eu cheguei ao Rio só com minha mãe, porque meu pae tinha fallecido alguns annos antes. O Marquez veio esperar-nos. Tinha eu então desesete annos e elle quarenta. A primeira vista senti por elle uma repulsão estranha. Passados oito dias, durante os quaes pude apreciar a sua extrema bondade e finissima educação, mudei de opinião a seu respeito. Ao decimo dia casamos. A missa foi celebrada ao meio dia e á uma hora e meia eu estava viuva. D. Paco não assistiu ao casamento. V. ex.^a não é casado, mylord?

—Não, minha senhora.

Estavamos sentados nas mesmas cadeiras; mas a marquezia levantou-se outra vez, eu igualmente; e ella tomando-me o braço deu alguns passos em silencio.

Eu perdia-me em conjecturas acerca do singularissimo character d'esta galante mulher e não encontrava a chave d'esse encantador enigma.

Eu sentia o seu braço estremecer a espaços, e atravez das pestanas aveludadas sahirem scen- telhas de fogo.

—V. ex.^a está encommodada? perguntei-lhe eu.

—Um pouco, respondeu ella.

—V. ex.^a quer que chame as suas creadas?

—Oh, é inutil. Isto passa já. Tinha necessidade de agitar-me e tenho a pedir-lhe um obsequio.

—Ordene, minha senhora.

—Nunca mais me obrigue a recordar-me da época do meu casamento, não me faça perguntas a tal respeito, não me falle do fim da viagem, que agora fiz e das causas que a determinaram. V. ex.^a ignora isso e não precisa sabel-o. Promette-me isto?

—Comprometto-me, marquezia.

—Muito bem. São onze horas. Desçamos para almoçar.

X

Para intender o que ainda tenho a contar-lhe, meu caro Roberto, continuou sir Williams, é necessario que saiba que na época, a que me estou referindo, o Rheno vinha com uma cheia medonha, que tornava difficil a navegação para os barcos, que tinham de vencer a corrente.

O nosso navio a custo chegou á noite a Colblentz, onde fundeou para largar na madrugada seguinte.

Eu tinha resolvido acompanhar a marquezia até Bale, porque isso não alterava o meu itinerario para a Suissa.

A marquezia instalou-se nos seus quartos no hotel e combinamos encontrar-nos de manhã a bordo.

O character da formosa viajante, as suas singulares reticencias, essas profundas abstracções, a que ella se entregava de repente, a experiencia que ella parecia ter das coisas da vida, apesar dos seus desenove annos, a promessa que ella me tinha obrigado a fazer com relação ao seu casamento e á sua viagem, as circumstancias curiosas, que se deram n'esse casamento, a catastrophe que se lhe seguiu e que fez da creança mulher, conservando-lhe todavia a sua pureza, tudo isso actuava no meu pensamento, obrigando-o a sérias reflexões.

Havia effectivamente um mysterio na sua vida, cuja explicação eu não podia encontrar.

Vós, os francezes, que julgaes sempre pelas apparencias, não podeis comprehender o que são as mulheres meridionaes.

Quasi todos os seus compatriotas, Roberto, que fazem uma viagem á Hespanha ou á Ame,

rica hespanhola, não andam cinco minutos em uma rua qualquer sem ficarem pasmados das conquistas, que elles julgam ter feito.

Elles ignoram que essa provocação dos olhares, que essa desenvoltura de maneiras, que essa *coquetterie* palavrosa, que se nota nas mulheres d'essas regiões, são as coisas mais naturaes do mundo.

Digo-lhe isto, Roberto, para fazer-me comprehender e para que as suas supposições não se affastem da verdade, quando eu lhe affiançar, que no fim d'esse dia eu e a marqueza estavamos á vontade e em um pé de intimidade, que a qualquer estranho pareceria de velha data.

Nós tínhamos fallado de tudo, d'esses mil nada, que são objecto de conversação e nos quaes a marqueza me deu provas brilhantes do seu scintilante espirito.

Creia, meu amigo, que essa mulher tem tanto merecimento que, tres horas depois de me ter separado d'ella, eu sonhava ainda com a sua belleza, com a sua graça e com a sua distincção.

Quanto ao mysterio, que a cercava, desisti immediatamente de desvendal'o.

— Que me importa? — dizia eu — dentro de quatro mezes estarei morto, e esse grande se-

gredo da morte é muito mais importante que aquelle que cobre com suas azas a existencia d'essa bella marqueza.

XI

O lance da rede

Na manhã seguinte appressei-me em voltar a bordo. A marqueza chegou ao mesmo tempo que eu.

O sr. conhece esse maravilhoso panorama, que offerecem as margens do Rheno desde Colblentz até Bingen.

(Continúa.)

PASSATEMPO

ENIGMAS

D	D	S	C	V	C	V
3	1	3	3	1	3	1

R. A. M.



NOBRES BIRMANIOS

Um certo animal batrarchio
Na prima e segunda ves,
Terceira e quarta instrumento
Que em Portugal mortes fez
E tudo junto que faz?
Faz um jogo de rapaz.

CHARADAS

Na musica—1
Na musica—1
Na musica—1

Que o todo é o melhor
Tenho ouvido dizer
Por isso sem mais demora
Aqui ponto vou fazer.

CHARADAS NOVISSIMAS

O clerigo instruiu-se na serra—2—2.
Suspende este peixe no navio—1—2.
Prende, prende este homem—2—1.

CUSTODIO SILVA.

EXPLICAÇÃO DO PASSATEMPO DO NUMERO 21
Charada em quadro—*Arim*—*Rasa*—*Faro*
—*Azas*.
Perguntas enigmaticas—*Mêda* e *Murça*.
Logogripho—*Lacerda*.

Typ. da Empresa Litteraria Luso-Brazileira—Lisboa
5—PATEO DO ALJUBE—5